

Jornal para eremitas

ELOÉSIO PAULO

möb!le

2012

Copyright © 2012 Eloésio Paulo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Editor
Eduardo Coelho

Ilustração de capa
Andrés Sandoval

Projeto gráfico e editoração
Leandro Collares | Móbile Editorial

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Paulo, Eloésio
Jornal para eremitas / Eloésio Paulo. — Rio de Janeiro :
Móbile, 2012.

ISBN 978-8564502-18-5

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

Todos os direitos desta edição reservados à

Móbile Editorial

R. Senador Dantas, 80/1305

Rio de Janeiro – RJ – 20031-922

Tel.: (21) 2210-1787

www.mobileditorial.com.br

Para Marcius Libânio,
para Ricardo Mendes Grande
e em memória de Gilberto Alves da Cunha

Do que trata a peça
devo adivinhar já em cena.

(Wisława Szymborska)

Sumário

Pregando no deserto [15]
por Luiz Ruffato

Porteira das almas

Nietzsche pintado de Rosa [27]
Novo ramo [28]
Farmácia Orion [29]
Locus amoenus [30]
Saudade hypocrita [31]
Mandrová [32]
Soma do ocaso [33]
Porteira das almas [34]
A mãe de todas as procissões [35]
O auto da comadre Cida [36]
Gosmoconia [37]
Da utilidade da cultura inútil [38]
Manhãs de setembro [39]
União das Alcinhas Areadenses [40]
A ossatura do mundo [41]
Represa de Furnas [43]
Mal menor [44]
Arquivo [45]
De um enganado pelas vísceras que se escondeu da vida em capas de santidade e termina aporaelado por um bonde ao deixar o retiro para cuidar de misteres muito aquém [46]
Viagem [47]
Ano 2000 [48]
Do suicídio [49]
Caso clínico [50]

Outras comunhões [51]
Pessoas [52]
Meu reino é deste mundo [53]
A bola e a vida [54]
Ócio [55]
Rafe [56]
Música incidental [57]
Wyatt Heart [58]
Ano novo [59]
Por que viajamos [60]
Caminhar o poema [61]
Volta do caminho [62]
Ata de constituição da Sociedade
dos Observadores de Calangos [63]

A fome estulta

Omnia vincit [69]
Bal post cani [70]
Desconversão [71]
Cartão postal [72]
Pendulária [73]
Sem mudar de calçada [74]
Ich habe die Kraft! [75]
Overlapping [76]
Ministério dos transportes [77]
Morte do leiteiro [78]
São Nabokov no banho [79]
Schopenhauer, a semana e o sovaco [80]
Renitência [81]
Intensidade [82]
Pas de cal [83]
Nãoderela [84]
Poesia em pânico [85]

Beijou a lona [86]
Safa deusa [87]
Drible da vaca [88]
Emília [89]
Contrabando [90]
Rima *versus* solução [91]
Agulhas negras [92]
Metafísica do estilo [93]
Nelson em surdina [94]
Corpus hermeticum [95]
Eterno retorno [96]
Flauta-vértebra [97]
Voz estranha [98]
Vende-se casa com varanda [99]
Sara é [100]
Precaução [101]
Episódio bipolar [102]
A morte do Ocidente [104]
Podolatria [105]
E no entanto ele se move [106]
Capitular [108]

Jornal para eremitas

Primeiras palavras do mamute degelado [113]
Nova economia [114]
Arapuca [115]
Pedregulho [116]
Cidade de Deus [117]
A crise do lítio [118]
Rio do hipocampo [119]
Colagem [120]
Teogolipse [121]
Lasciate ogni speranza [122]

Para uma teologia do boato [123]
Darwinianas [124]
Gênese [125]
“Morreu como um passarinho” [126]
Frajola e Piupiu
(anedota greco-milanesa) [127]
Grandes timões [128]
A grande prostituta [129]
Horror metaphysicus [130]
Argumento contra Deus [131]
Os comedores de cardápios [132]
Jornal para eremitas [133]
Ocultismo [137]
A Alexandre Augusto [138]
Ele era uns outros [139]
Papelaõ [140]
Ministério sem transporte [141]
A recalcitrante [142]
Champanha antidrogas [143]
Jumento hipócrita [144]
Teatro de sombras [145]
Estórias de fantasma [146]
Estórias de fantasma, 2 [147]
Organizações L.A. Vando [148]
O califa de Begdá [149]
La Tribuna Silente [150]
Macumba nas catacumbas [151]
Arrisca-nada [152]
Foi ao cinema e matou a família [153]
O show do Leproso [154]
Gentileza [155]
Ano novo [156]

Seixo no iê-iê-iê

- E no entanto ele se move [161]
- Sarpédon ferozmente resplendente [162]
- Nosografia [163]
- Resposta a Anna Akhmatova [164]
- Cogumelos do mais ou menos [165]
- Seixo no iê-iê-iê [166]
- Bicho [167]
- Poética [168]
- Ruja o sangue [169]
- Sobre tudo [170]
- Poeta de tocaia [171]
- Os prêmios [172]
- Travelling* [173]
- A casa de Thoreau [174]
- Soneto monossílabo [175]
- Escola de olhar [176]
- Nota do autor [177]
- Nota sobre o autor [178]

Pregando no deserto

Luiz Ruffato*

Quem, como eu, acompanha a trajetória da poesia de Eloésio Paulo, compreende nitidamente a coerência que ele persegue. Coerência não quer dizer rigidez de pensamento, até porque o poeta flerta com a anarquia, e se há algo que o leitor depreende ao final da leitura deste *Jornal para eremitas* (o título já é um achado!) é o esforço de desconstrução do mundo, a partir de uma visão desencantada da Humanidade. Mas há, sim, coerência.

Eloésio Paulo é um moralista, termo aqui entendido como o sujeito que, assentado numa ética humanista, condena com veemência os males de sua época (que são de todas as épocas): a corrupção, a hipocrisia, o preconceito, o cinismo, a indiferença. E é ainda terrivelmente pessimista, a lembrar a todo momento que somos pouco, que somos nada:

* Luiz Ruffato nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 1961. É um dos mais importantes ficcionistas brasileiros surgidos no fim do século XX. Autor dos romances *Eles eram muitos cavalos* (2001), que venceu os prêmios de Melhor Ficção da Associação Paulista de Críticos de Arte e o Machado de Assis de Narrativa, da Fundação Biblioteca Nacional; *Mamma, son tanto felice* e *O mundo inimigo* (ambos de 2005), vencedores do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte na categoria Melhor Ficção; *Vista parcial da noite* (2006); *O livro das impossibilidades* (2008) e *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009).

De um corpo humano médio
(disse a folhinha num dia
há muito desfolhado)
se faria uma chavinha de cristaleira
mais uns botões — o resto
é silêncio e sabão

Mas, Eloésio sabe, a melhor arma para combater a platitude, a mediocridade, a insensatez é o humor. E este está presente todo o tempo, único paliativo capaz de nos fazer suportar a dor de existir:

Em meio ao dilúvio de janeiro
acordei mais feio
que um dragão de Comodo

Nenhum espelho
ou beliscão kafkiano me dizia
Somente os olhos da memória

Abri a janela
e encarei o sol
com escárnio e desdém

E uma vez cego
nenhuma fealdade mais
me incomodava

Então, a partir da apreciação de seus poemas, podemos subsumir alguma filiação filosófica, notória com relação aos moralistas franceses (em particular, a Pascal) e a escritores da mesma cepa, como um Vol-

taire ou um Montesquieu, que aparecem às vezes de maneira explícita (no título do poema “Pas de Cal”, por exemplo), ou implícita como neste trecho:

A piaba enorme como um aniversário
diferentíssima dos homens
escapou na última chance

Ou neste:

Deus não cabe em mim
e também n’Ele não caibo

Não obstante pode ser
se divirta a contemplar-me
enquanto dou corda ao abismo

É evidente que o exposto acima lança luz sobre apenas um aspecto da multifacetada e complexa obra de Eloésio Paulo. Se falamos dos moralistas franceses, outros evocarão Schopenhauer ou mesmo Nietzsche. O certo é que, dono de uma rara erudição, Eloésio coloca suas leituras a serviço da edificação de uma poesia que, dialogando com a tradição, estabelece uma ponte sólida com a contemporaneidade. E isso ocorre por meio de um procedimento bastante arrojado: a antropofagia.

A antropofagia, prática ritualística de devoção, não deve ser confundida com o canibalismo. Esse, com o nome de intertextualidade, em geral corrói a literatura, transformando-a quase sempre num expediente de autocontentamento pela capacidade de citação de textos mal absorvidos. Ao fim

e ao cabo, conforma um resultado estéril, hermético e autista, porque não há deglutição e transformação, mas apenas satisfação da fome literária. Ao contrário, a antropofagia é degustação e posterior digestão, fazendo com que o outro se converta em parte de nós: somos e não somos mais os mesmos, enriquecidos agora pelo que o outro tem de melhor.

Esse ensinamento Eloésio Paulo obteve diretamente de Oswald de Andrade. Mas seu modelo mais longínquo é sem dúvida o poeta Gregório de Matos, aquela espécie de Oswald de Andrade *avant la lettre*. A grande (e ousada) contribuição de Eloésio Paulo é ter tomado a Oswald o procedimento (a antropofagia textual) para construir uma poesia pós-moderna que junta elementos do cultismo e do conceptismo barrocos (a linguagem culta e extravagante mesclada a termos chulos, a profusão de figuras de linguagem aliadas a jogos de palavras, tudo a serviço da expressão de sofisticados conceitos e complexos estados de alma). Ou seja, o poeta busca um barroco total, delirante e provocador, profano mas sacro, debochado mas pio:

Quero ser mudo
como o olhar extático
diante da flor
que se desfaz à chuva

Quero ser calmo
como um coração
levado em caixa de gelo
a seu novo dono
já íntimo da morte

Quero mesmo ser
cego como um suicida
que se ilude
sobre o próprio salto

Mas não salto
sem trapacear
não há neve que me gele
e nem flor
que eu não lamente

Sem dúvida, Eloésio Paulo é, atualmente, um dos maiores conhecedores da arte poética. Seus poemas estão repletos de figuras de linguagem, que ele manipula como ninguém, e são inúmeras as paródias, que vão do já citado Gregório de Matos:

Se um arcanjo com uma espada
de prata nos despedaça
bem no meio de uma foda
certos pedaços de mim
e de ti ainda assim
teimariam em foder

Passando por Fernando Pessoa:

É um manipulador
E manipula tão bem
que chega a manipular
os sentimentos que tem

Até chegar a Carlos Drummond de Andrade:

E tudo são objetos
mal redimidos da noite
Por entre a veneziana
a réstia de luz proclama:
para breve vem o sol.

Vale a pena prestar atenção aos trocadilhos espalhados pelo livro inteiro, e presentes em alguns títulos impagáveis, como “O auto da Comadre Cida”, “Nãoderela”, “Safa Deusa”, etc, e nos inúmeros poemas-piada, como o excelente “Primeiras palavras do mamute degelado”:

Diga-me, doutor:
O ouro ainda é monarca
neste reino mineral?

Enfim, há que destacar o Eloésio Paulo lírico, cantando as mazelas do difícil amor. Neste segmento, sem exagero, ele produziu um dos mais lindos poemas do gênero na língua portuguesa:

Estou encontrando-me comigo
e descubro
quanto fui deserto

Desperto para tua
ausência
que é quanto povoa
minha sombra imensa

Eu só existi
porque me habitavas

Dividido em quatro partes (Porteira das almas, A fome estulta, Jornal para eremitas, Seixo no Ie-iê-iê), *Jornal para eremitas*, quarta coletânea de poemas de Eloésio Paulo, vem estabelecer de vez a sua como a mais original voz do cenário da literatura brasileira contemporânea. Esse Eloésio Paulo, eremita recolhido no deserto interior de Minas Gerais, a fustigar-nos com seus poemas, como se relho fossem.

Porteira das almas

Mesmo quando alguém morre
ainda chegam cartas para ele.

(Hans Magnus Enzensberger)

Nietzsche pintado de Rosa

Se me narciso
é porque preciso
(sou sapo, não pulo
por bonitez)

Nem me queria
deus aos olhos teus

Minha só falta de siso
é que não aviso:
aqui onde me vês
vê em vez um pequinês

Novo ramo

Meus negócios na infância
eram nada menos que com Deus
até que as deusas plurais
enviaram-me no escuro a poluição
e os homens banais me refletiram
em seus olhos: paspalhão
judas pendurado e enxovalhado

Talvez Ele atire a pedra antes de todos
travestido em vizinho ou inimigo

Meu negócio
hoje em dia
é só comigo

Farmácia Orion

As palavras remédio e waldemar
serão eternamente irmãs
no dialeto analfabeto da memória